

O Revolucionário e a Universidade

Luiz Aurélio

O presente artigo faz uma breve análise crítica de elementos da sociedade moderna, como a intelectualidade (enquanto grupo social), a universidade e as ciências sociais como um todo. Fundamentando-se em abordagens realizadas por alguns autores nesse sentido e tendo como norte uma perspectiva revolucionária. O texto se desenvolve a partir de algumas afirmações feitas por Bakunin no escrito Os enganadores, complementando-as com outros autores, fazendo uma reflexão acerca do papel da universidade no interior da sociedade capitalista e de uma postura verdadeiramente revolucionária diante dessa situação.

No escrito Os enganadores, Bakunin fala que as piores brutalidades necessitam de uma sanção, algo que as legitime. Na Idade Média as atrocidades cometidas pela aristocracia nobiliária eram justificadas pela religião através da igreja católica que mais tarde também daria sua bênção divina para as monarquias européias. Porém com o processo de ascensão da burguesia e declínio da nobreza e da realeza, logo seria inaugurada uma nova ordem onde e por fim a burguesia se estabeleceria enquanto classe dominante.

O campesinato que havia sido usado como bucha de canhão pela burguesia na luta contra a realeza e a nobreza, terminou por não ganhar nada nessa transformação social, pelo contrário o pouco que ele tinha: terras onde cultivar para garantir sua subsistência e os direitos fundamentados nos costumes, lhe foram tomados. Privado de qualquer condição de sobrevivência lhe restou ir para a cidade se submeter à escravidão assalariada, tornando-se agora um proletariado a serviço da burguesia vivendo agora em condições piores do que as de antes. Logo começou a se revoltar, enquanto a burguesia procurava meios de oprimi-lo e mantê-lo sob controle.

Mas a dominação burguesa não podia se manter somente através da força, ela precisava de sanção para justificar suas brutalidades. A igreja católica, porém, não era a mais recomendada para isso, pois por séculos já estava comprometida com a monarquia e a aristocracia nobiliária, inimigos mortais da burguesia. Por muito tempo burguesia e igreja católica estiveram em lados opostos, a condenação do lucro, juros e usura feita pela igreja confrontava a burguesia em ascensão, uma primeira saída encontrada foi criar religiões mais em sintonia os valores burgueses como o protestantismo por exemplo. Mas de forma geral o próprio cristianismo coloca a burguesia em condição desconfortável, ideais de desapego aos bens materiais, humildade, simplicidade, enxergar os outros como irmãos tudo isso contradiz o que a burguesia pratica no seu dia-a-dia, além do mais como assinalou Bakunin, não era nos templos dedicados ao Senhor onde a burguesia fazia seu negócios e sim nos templos dedicados a Mamom¹, na bolsa de valores, no balcão de negócios, nos bancos e na grande indústria. Não é preciso muito esforço para perceber que no fundo a burguesia é atéia, sua crença é só no lucro, seu deus o dinheiro, todas suas ações se movem pela ambição ao poder e a riqueza. Ela só quer a religião para o povo enquanto essa ajude a anestesiar nele a fúria, mas não

¹ Nome de origem aramaica sinônimo de riqueza, dinheiro. Na mitologia cristã Mamom é visto como um demônio, um poder espiritual maligno gerador da ganância, avareza, amor ao dinheiro e apego aos bens materiais. Bakunin utiliza esse nome no texto Os Enganadores com objetivo de ironizar o caráter religioso da burguesia através da própria bíblia cristã, na passagem presente em Mt 6:23.

quer a religião para ela mesma, a despreza grandemente em seu íntimo.

Por fim a burguesia encontraria a sanção de que precisava na inteligência titulada. Utilizar-se-ia da ciência para conseguir legitimidade. Assim como a nobreza e a realeza se vestiam de um manto sagrado e divino, agora a burguesia se vestiria de um manto de inteligência científica. Para governar é preciso muito conhecimento, diz a burguesia, é preciso ciência, cultura... a canalha popular não possui isso, são brutos, ignorantes, selvagens e bárbaros, é preciso de alguém que os governe, eu, o burguês inteligente culto e civilizado. O que seria desse pobre povo sem mim!? Só eu sei o que realmente é melhor para essa gente e imbuído da ciência e do conhecimento cabe a mim guiar a humanidade rumo aos caminhos do futuro!

Apoderando-se da ciência, a burguesia deu vida a uma nova aristocracia, a aristocracia da inteligência, que Bakunin (2008, p. 33) chama de "filha amada do doutrinário moderno" "culto pretensioso e ridículo da inteligência titulada". Tal qual o catolicismo, religião legitimadora do sistema feudal e também da monarquia, a ciência burguesa torna-se a religião legitimadora do capitalismo.

O que faz da ciência burguesa uma religião? O simples descompromisso dela com a compreensão da realidade, para assim favorecer as classes dominantes, esse descompromisso pode ser muito bem observado nas ditas ciências sociais, história, filosofia, sociologia e etc. Isso explica tamanho o grau de conservadorismo observado nessas áreas do conhecimento. A ciência burguesa traz em si muito pouco de "ciência", sem hesitar ela sacrifica todo racionalismo, toda lógica, toda história e toda verdade aos pés dos deuses do capitalismo. A "ciência" nessa condição não passa de uma máscara por trás da qual se esconde uma nova religião criada pela aristocracia da inteligência titulada para cultuar os deuses que a mantém e mantém o sistema econômico que destroça, oprime, explora e massacra a imensa maioria da população.

Longe de querer explicar a sociedade e o mundo à nossa volta ela precisa esconder essa realidade, com esse objetivo ela cria inúmeras fábulas e histórias fantasiosas. Tal qual as lendas antigas e as histórias bíblicas, ela cria também mentiras e deturpações de toda espécie. Do conjunto de todas essas fábulas, histórias, mentiras e deturpações surge uma mitologia, semelhante às mitologias dos povos antigos, porém, com algumas especificidades: nessa mitologia moderna encontramos uma visão otimista e ilusória da realidade em que vivemos; uma história da humanidade deturpada contada de acordo com os interesses das classes dominantes, através da vida de "grandes homens" reis, generais e chefes de Estado, de realezas merovíngias e carolíngias, da ascensão e queda dos impérios, da unificação e formação dos países da Europa, do surgimento das grandes potências mundiais, para por fim terminar essa fantástica história da humanidade com a glorificação da civilização moderna, da democracia burguesa, da globalização e do capitalismo, colocando-os como o ápice do desenvolvimento humano e fim da história, onde depois de tantas dificuldades finalmente se chegou ao topo, ao fim da grande jornada, a um ponto onde não se tem mais o que mudar e nem caminho para ir mais além, restando agora somente permanecer ali. E ainda apresentando tudo isso com revestimento de um "sério" caráter científico.

Algo interessante nessa história são determinados personagens vistos como heróis, tão míticos quanto os heróis da antiguidade. Uma semelhança entre os heróis históricos antigos e os modernos é o aspecto fantasioso desses personagens. Uma avalanche de invenções, exageros e mentiras se escondem por trás do personagem

presente nos registros da história oficial (registros por sinal escritos por nada menos que funcionários à serviço do poder dominante). De tal forma que esse personagem herói histórico apresentará gritantes contradições se comparado à pessoa real da qual ele se refere. Comprovando isso analisemos o caso específico do herói histórico moderno, para construí-lo basta simplesmente pegar o maior crápula a serviço do Estado e deturpar sua história ao máximo até conseguir o milagre de transformá-lo em algo que lembre de longe a figura do que supostamente se possa chamar de "herói". Grande exemplo disso temos o "herói" brasileiro Duque de Caxias, um ilustre chefe militar autor de incontáveis crimes e atrocidades, entre os quais destaca-se o cruel genocídio que sob seu comando foi cometido em terras paraguaias durante a Guerra do Paraguai.

A ciência burguesa, essa religião oficial, é imposta para o povo que não pode questioná-la sob perigo de ter que enfrentar os tribunais da Santa Inquisição: a mídia burguesa e o poder policial. Para exemplificar isso tomemos como exemplo uma revolta de operários que ocorra em determinada Companhia Multinacional. A atuação da mídia burguesa pode seguir dois caminhos: a omissão, simplesmente ignorar o acontecido; ou a deturpação, tratar o acontecido de forma a condenar a rebelião e seus participantes. Nas duas formas a intenção é evitar o apoio da população ao movimento, uma pelo desconhecimento do mesmo, a outra buscando claramente jogar a opinião pública contra ele. Enquanto a mídia se preocupa com a condenação moral do movimento, a polícia trata da punição física: agressões, espancamentos, torturas, prisões e em alguns casos até mesmo assassinatos. Assim age a Santa Inquisição Moderna.

Diante desse acontecimento temos a controvertida ação da pseudo-esquerda, que também pode reagir de diferentes formas: uns mais moderados dirão que o movimento tem suas razões, porém agiram de forma errada, o que coloca esses no mesmo balaio que a mídia burguesa; outros apoiarão o movimento, a maioria com fins político-partidários por trás, vendo o problema como um descaso do Estado para com esses trabalhadores, e a solução como investimentos em políticas públicas visando a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas e a "inclusão" deles na sociedade; os sindicatos dizendo que apóiam, mas buscando de todas as formas acabar com a rebelião e fechar um acordo com o patrão em troca de pequenas concessões para os trabalhadores; por fim a parcela mais radical da pseudo-esquerda exaltarão a rebelião, porém, apontando como solução dos problemas dos trabalhadores a construção de um Estado totalitário seguindo o modelo jacobino - bolchevista. Por mais que essas correntes digam que apóiam o movimento, seus interesses por trás desse suposto apoio e as soluções que elas apresentam para o problema, ressaltam seu caráter contra-revolucionário. Com muita facilidade encontramos elementos da pseudo-esquerda na posição de aristocratas da inteligência titulada, podemos encontrá-los até mesmo no Estado ou querendo chegar até ele.

Vivemos atualmente um período curioso na história do Brasil onde finda-se um mandado de 8 anos de governo de um partido desses pseudo-socialistas, na presidência vimos a figura de um ex-operário, que deste de sua época de sindicato nos anos 80 já havia se tornado um burocrata do sindicato, a figura de um partido intitulado Partido dos Trabalhadores mas que em seu governo nada mais fez que administrar e perpetuar a exploração e a opressão desses trabalhadores, afagando-os com uma mão e apunhalando-os com a outra, serviu como um perfeito Partido da Burguesia que termina agora seu governo nas graças dos poderosos, grandemente elogiado pelos economistas burgueses, grandes empresários e presidentes das maiores potências mundiais. Esse governo da falsa esquerda, tão admirado nos meios intelectuais e universitários, e o pior

que até mesmo por grupos e indivíduos que se dizem socialistas. Ah! A universidade, esse poço sem fundo de reacionarismo e conservadorismo, de um lado escancaradamente com os direitistas e neo-liberais e de outro travestido de esquerdismo sob suas mais diferentes e criativas formas. À quilômetros e quilômetros de distância ainda é possível ouvir o barulho e as vozes, vindas do cômico e trágico espetáculo, de direitas e "esquerdas", capitalistas e pseudo-socialistas, juntos compondo um grandioso coral, entoando vigorosos cânticos de exaltação ao poder Estatal, formando uma algazarra ensurdecadora, que além de ser capaz arrebentar os tímpanos do bom senso, desnorteia e pode até cegar. Veneno mortal fabricado sob medida para contaminação intelectual e moral da juventude.

A ciência burguesa impressiona ! Além de criar com suas mentiras sua própria mitologia, ela cria também suas igrejas e seus sacerdotes. Como igrejas temos aí as universidades e como sacerdotes os professores. A universidade é normalmente o lugar onde grande parte da mitologia composta por falsas idéias da realidade e da história, é criada, atualizada e reproduzida. Controlada diretamente pelo Estado no caso das faculdades "públicas" (estatais), ou indiretamente no caso das particulares, sua função é manter esse mesmo Estado, conservar a sociedade de classes e reproduzir o capitalismo. Ali são formados trabalhadores especializados futuros funcionários e burocratas a serviço do Estado ou de empresas capitalistas privadas. Os professores são os encarregados de dirigir esse processo, de transformar os jovens, criaturas por natureza cheias de energia, irreverência e rebeldia, em ovelhinhas obedientes, futuros escravos do sistema econômico capitalista. O esquema rígido de horários, notas, provas, entrega de trabalhos e a realização de chamada tem o objetivo de impor a disciplina e alimentar o espírito de submissão, disciplina e submissão necessários no seu futuro emprego.

Eduardo Antonio Bonzatto na introdução do seu *Manual de Contra História na Anti-Modernidade* reconhece na universidade:

[...] a apatia e a arrogância de professores que se escondem por detrás de seus títulos na tímida postura em que estão ausentes os problemas, as perguntas, a ânsia de um tempo que não combina mais com esse academicismo impotente e auto glorificante e com essa perversa forma de masturbação mental cuja única finalidade é menosprezar e reduzir as pessoas a uma inadmissível condição de “apagados”, de “sem luz”, enfim, de alunos (BONZATTO, 2008, p.14).

Em um texto de Aracely Mehl Gonçalves intitulado *A Educação Libertária e a Imprensa Anarquista (1917-1927)* encontramos um trecho onde a autora fala da visão que os revolucionários anarquistas do início do século XX no Brasil, tinham da educação burguesa tradicional, hoje em pleno século XXI, essas observações ainda permanecem mais do que atuais.

Na visão dos libertários, a educação burguesa tradicional, tanto a oferecida pelo seu aparelho estatal quanto à educação mantida por instituições religiosas, mesmo com o cientificismo propagado pelo Liberalismo presente na época, através do método analítico, é na realidade arbitrariamente ideológica, que se esconde por trás de um discurso de pretensa neutralidade. O sistema de ensino patrocinado pelo Estado simplesmente se dedica a reproduzir as estruturas de dominação e exploração do proletariado, doutrinando os alunos a ocuparem seus lugares já predeterminados. (GONÇALVES, 2006, p. 2-3).

Os cursos de ciências sociais têm uma função mais importante na difusão da ideologia dominante, são quase sempre cursos de licenciatura voltados para formação de novos sacerdotes. Para isso é preciso um trabalho mais intenso, dizia Hitler que uma mentira dita cem vezes se torna verdade, nas universidades as mentiras são repetidas exaustivamente do início ao fim do curso, de tal forma que a maioria já sai dali como bons defensores do discurso burguês e com uma visão reacionária e conservadora da sociedade e da história. Com seu diploma agora lhe garantindo um novo status orgulham-se de sua suposta superioridade intelectual e moral, além de permitir também uma superioridade concreta e formal no espaço da sala de aula, com alunos a ele subordinados e reféns da sua boa vontade para poderem "passar de ano". Eis que chega o grande momento onde finalmente durante algumas horas por dia se pode ter a sensação de "estar por cima", pelo menos diante daqueles jovens obrigados a aturar sentados e calados toda essa situação.

A soberba do diplomado vai crescendo conforme cumpra especializações, mestrados e doutorados, aí por fim se transforma em um semi-deus, admirado e venerado na academia e na sociedade burguesa.

Como igreja, a universidade também tem um clero hierarquizado, quanto maior a titulação do professor mais alta posição ele ocupa nesse clero, porém a titulação deve ser combinada com a defesa dos valores burgueses caso contrário mesmo com boa titulação, sua posição política lhe fará ser marginalizado dentro da universidade. A universidade elegendo-se detentora do conhecimento, do saber e da ciência, não aceita concorrentes. Não admite que conhecimentos possam ser construídos em outros locais fora de seus muros e controle direto, por isso todo conhecimento produzido fora da academia é encarado como heresia (e dos hereges o pior é o autodidata). Todo conhecimento produzido dentro da academia, mais que discorde do pensamento dominante da academia, é visto como seita, deturpação, não deve ser levado a sério e se possível for deve ser estirpado; "toda árvore que não produz bom fruto deve ser cortada e lançada no fogo do inferno"!

Para manter seu caráter divino a ciência burguesa deve ser revestida de mistério, colocada como algo difícil demais para uma pessoa comum entender, algo inalcançável e mágico, que somente a aristocracia da inteligência titulada tem capacidade para entender e decifrar. O restante da população são colocados como incapazes, pouco inteligentes, seres inferiores. Para dominarem espalham um espírito de incapacidade na população o que Ivan Illich na obra Sociedade Desescolarizada, fala da sociedade escolarizada em que vivemos, onde não podemos fazer nada por contra própria, não somos donos de nós mesmos, pois somos colocados na posição de incapazes, necessitando então de alguma instituição ou alguém especializado que deve fazer por nós.

A aristocracia da inteligência titulada, de fato não possui mais "inteligência" que o restante da população, por mais que essa aristocracia defenda isso tomando para si aspecto de semi-deuses, essa suposta inteligência arrogada pelos mesmos não passa de uma inteligência baseada em títulos, pedaços de papel emitidos por suas igrejas, as universidades, atestando seu grau de "conhecimento". No final das contas trata-se de uma auto-promoção visto ser essa mesma aristocracia quem controla a universidade. Tomando também o fato de que essas universidades monopolizam o conhecimento privando o restante da população de acesso ao mesmo, guardando somente para si o conhecimento e a instrução, com objetivo de usá-los contra esse mesmo povo. Não existe lógica alguma em afirmar de que eles sejam mais inteligentes que qualquer outra

pessoa. Bakunin em uma parte do primeiro capítulo do livro *A Instrução Integral*, opõe um operário muito inteligente a um tolo erudito, e chega à triste conclusão:

[...] Com freqüência acontece de um operário muito inteligente se ver obrigado a emudecer diante de um tolo erudito, que o faz calar, não por maior finura de espírito, da qual carece, mas sim por instrução, da qual o operário se viu privado e que o outro pôde receber, pois enquanto sua ignorância se desenvolvia cientificamente nas escolas, o trabalho do operário o vestia, dava-lhe moradia, o alimentava e lhe proporcionava tudo, os mestres e os livros necessários para sua instrução. [...] (BAKUNIN, 2003, p.63)

Vemos como um operário com grande potencialidade intelectual, tem suas potencialidades desperdiçadas em uma vida de trabalho alienante e degradante, enquanto um tolo pertencente a um grupo privilegiado pode desenvolver sua ignorância cientificamente e ainda conseguir títulos provando sua suposta superioridade. Sobre a arbitrariedade existente por trás da titulação vemos Antônio Ozaí da Silva em um artigo intitulado *Maurício Tragtenberg e a Pedagogia Libertária* publicado na revista *Espaço Acadêmico* número 32 do mês de janeiro do ano de 2004, afirmar:

[...] Ascender em titulação pressupõe ter poder sobre os não titulados ou com títulos hierarquicamente inferiores. Os pares não são iguais: o doutor já olha de viés e com indisfarçável desdém o colega que só tem mestrado ou apenas graduação; seu título dá-lhe prerrogativas, privilégios e argumentos para se sobrepor ao colega em situações concretas (como a escolha de coordenadores de grupos de trabalho, participação em congressos, seminários etc.). Não importa como ele se tornou doutor nem a mediocridade disfarçada sob o título; importa apenas sua titulação.

A universidade longe de ser um ambiente revolucionário, é um espaço conservador, inimigo da revolução social. Toda sua estrutura e todo seu funcionamento está voltado para a reprodução da sociedade capitalista, manutenção do Estado e das hierarquias. Mas será que dentro dessa instituição não há indivíduos críticos? Entre os alunos a possibilidade é muito maior, mas entre os professores a regra é que não haja, pois ali predominam aristocratas da inteligência titulada. Porém, existem exceções. Aqui e ali é possível encontrar professores que não seguem essa lógica, normalmente eles são marginalizados e perseguidos dentro da academia. Porém um revolucionário inserido em uma instituição como essa não seria uma grande contradição? Sim, das maiores, porém eles ali se infiltram com objetivos próprios que inevitavelmente irão se chocar com a ordem dominante da academia. Por fim como pode se comportar um revolucionário inserido na universidade?

O que se deve ter em mente em primeiro lugar é que na sociedade capitalista, a burguesia detém os meios de produção, não apenas no campo da mercadoria, ela detém também os meios de produção intelectual. Este segundo monopólio serve para legitimar e perpetuar o primeiro, para que através de uma produção intelectual sob domínio burguês a produção de mercadorias sob o domínio burguês possa continuar e se fortalecer por meio da ciência. O cerne da questão é que não se trata apenas de uma questão de produção de mercadorias mas sim da subjugação de toda uma sociedade, da dominação física com o Estado, e dominação mental com a ciência burguesa e a religião. A partir daí podemos pensar em estratégias e táticas a serem empregadas na luta contra essa "ordem".

Dentro de uma universidade, um indivíduo de perspectiva realmente revolucionária não poderá se comportar de outra forma que não seja como um vírus, um programa malicioso ali instalado com o único objetivo de se multiplicar e danificar aquele sistema. Sabotando o processo de fabricação da ideologia dominante ainda dentro da própria fábrica, ele acaba prestando um papel importante para a revolução social, tendo acesso a leituras e conhecimentos dos quais os trabalhadores são privados, ao invés de usá-los contra esse trabalhador ele os usa a favor, voltando todo seu intelecto para o combate à burguesia, ao Estado e ao sistema econômico capitalista. Sem nenhuma pretensão de deter para si o saber, busca formas de socializar esse conhecimento, sonha e luta por uma sociedade livre onde finalmente, não existam mais trabalhadores manuais e intelectuais, existam somente seres humanos irmanados em igualdade e solidariedade, onde o conhecimento não sendo mais monopólio de grupos privilegiados, possa ser acessado e produzido por qualquer pessoa em qualquer lugar.

Livre das pesadas cadências de trabalho e de condições degradantes de existência, as pessoas possam se dedicar ao livre desenvolvimento intelectual, às artes, às ciências e ao que mais lhes interessarem. Nessa nova sociedade a ciência por fim deixará de ser mera religião legitimadora do capitalismo e se tornará uma ciência de fato, não existindo mais para justificar atrocidades dos poderosos, não tendo a necessidade de ocultar a realidade. Seu único compromisso será com a vida humana, com os ideais da verdade e da justiça. Essa nova sociedade é de fato o maior e mais ardente desejo de um revolucionário.

Referências Bibliográficas

BAKUNIN, Mikhail. **Os Enganadores**. In: BAKUNIN, Mikhail. Os Enganadores, A Política da Internacional, Aonde ir o que Fazer? São Paulo: Faisca e Imaginário, 2008.

BAKUNIN, Mikhail. **A Instrução Integral**. São Paulo: Imaginário, 2003.

BONZATTO, Eduardo Antônio. **Manual de Contra História na Anti-Modernidade**. Disponível em: <[http://download2.esnips.com/doc/3e80b178-4097-456d-bfb1-09618f62a243/2008---Manual-de-Contra-Historia-na-Anti-modernidade,-E-A-Bonzatto-\(v1,-nao-revisada\)>](http://download2.esnips.com/doc/3e80b178-4097-456d-bfb1-09618f62a243/2008---Manual-de-Contra-Historia-na-Anti-modernidade,-E-A-Bonzatto-(v1,-nao-revisada)>). Acesso em: 11 de janeiro de 2010.

GOLÇALVES, Aracely Mehl. **A Educação Libertária e a Imprensa Anarquista (1917-1927)**. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo01/Aracely%20Mehl%20Goncalves.pdf>>. Acesso em: 13 de novembro de 2009.

ILLICH, Ivan. **Sociedade Desescolarizada**. Porto Alegre: Deriva, 2007.

KROPOTKIN, Piotr. **O estado e seu Papel Histórico**. São Paulo: Imaginário, 2000.

SILVA, Antonio Ozaí da. **Maurício Tragtenberg e a Pedagogia Libertária**. Revista Espaço Acadêmico, n. 32, janeiro 2004. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/032/32pc_tragtenberg.htm>. Acesso em: 19 de

dezembro de 2009.

UNIVERSIDADE: poder e contra-poder. Disponível em: <<http://movaut.ning.com/page/universidade-poder-e>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2010.

VIANA, Nildo. **Educação, Sociedade e Autogestão Pedagógica.** Revista Urutágua, Maringá, n. 16, p. 20-26, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/issue/view/285/showToc>>. Acesso em: 16 de dezembro de 2009.

Luiz Aurélio

Graduando em história pela Universidade Estadual de Goiás, unidade de Uruaçu-Go.